
O Circuito das Comunicações de Darnton: uma proposta atualizada para se analisar a produção e a circulação do livro ¹

Marcelo Amaral de MORAES ²

Ana Elisa Ferreira RIBEIRO ³

Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Darnton apresentou um modelo de análise do mercado editorial denominado “O Circuito das Comunicações” (1982), que propõe que a comunicação escrita ocorre em um circuito composto por seis etapas interconectadas: o autor, o editor, os gráficos, os distribuidores, os livreiros e os leitores; influenciadas por variáveis de natureza econômica, social, intelectual, publicitária e legal. Nesses 40 anos desde a publicação do modelo original, mudanças importantes impactaram o mercado editorial, como a proliferação dos *e-books* e audiolivros, o surgimento da Amazon, a autopublicação, entre outras. A proposta deste artigo é apresentar uma atualização do Circuito das Comunicações de Darnton capaz de abranger as mudanças ocorridas no mercado editorial nas últimas décadas e, com isso, perpetuar esse importante instrumento de pesquisa na área de edição.

PALAVRAS-CHAVE: edição; edição de livros; História do Livro; produção editorial, circuito das comunicações.

O livro, História do Livro e Edição

Para Chartier (1999), um livro é mais do que apenas um objeto físico ou uma coleção de palavras impressas. Ele considera o livro como uma construção cultural e social, que é influenciada pela interação entre autores, leitores, editores e o contexto histórico em que o livro é produzido e consumido.

Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados. Essa clivagem, espaço onde, aliás, constrói-se um sentido, foi, durante muito tempo esquecida. A história literária clássica

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Estudos de Linguagens, linha de pesquisa Edição, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG, e-mail: <mailto:marcelo@gruporota.com.br>

³ Orientadora do trabalho: Professora do Doutorado em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, e-mail: anadigital@gmail.com

percebia a obra com um texto abstrato cujas formas tipográficas não importavam. (CHARTIER, 1999, p. 17)

Em sua obra *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1999), Chartier examina como as transformações culturais e tecnológicas afetaram a maneira como os livros são criados, lidos e interpretados ao longo da história. Para ele o livro é, ao mesmo tempo, um objeto material e um objeto simbólico que encarna os significados que seus leitores reconhecem e atribuem a ele. Isso implica que a essência do livro reside na relação entre o material e o simbólico, o que permite aos leitores construir significados a partir das palavras impressas.

Chartier (2011) também explora as práticas de leitura. Ele enfatiza que a leitura não é uma atividade passiva, mas sim uma prática ativa que envolve a apropriação e a produção de significado pelos leitores. Assim, a forma como os livros são lidos e interpretados é moldada por diferentes práticas de leitura, que são influenciadas pela cultura e pela história.

Em *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (1999), Chartier examina o papel das instituições, como bibliotecas e universidades, na construção do livro como um objeto cultural e na definição de sua autoridade e legitimidade. Ele argumenta que as instituições moldam a forma como os livros são organizados, conservados e transmitidos ao longo do tempo.

Em *Old books and new histories*, Howsam (2006) alerta para a questão da natureza interdisciplinar da História do Livro, já que o tema ainda não constitui área consolidada na academia, e, portanto, quase sempre ocupa posição secundária em outra disciplina.

Howsam sugere que o estudo da História do Livro congrega as disciplinas de história, literatura e bibliografia, ou seja, podem ser adotadas abordagens cujo objeto penda mais para uma dessas áreas.

Se o viés do estudo for histórico, por exemplo, o foco se dará em torno dos agentes partícipes, das relações de poder e da experiência. Por outro lado, se a abordagem for de natureza literária, a análise se dará sobre o texto e a crítica. E, por último, de um prisma bibliográfico, as questões documental, de registro e do livro como objeto serão preponderantes.

Contudo, já há pesquisadores que se referem à Edição como área autônoma, mesmo que ainda em formação, como aponta Ribeiro (2018), em sua obra *Livro: edição e tecnologia no século XXI*:

É possível estudar edição e selecionar, como fundamentação teórica, um construto da Antropologia, da Sociologia (como comumente se faz, com Pierre Bourdieu, por exemplo), da História (Darnton e Chartier, para mencionar apenas dois dos mais recentes), da Teoria Literária, da Análise do Discurso, etc. Mas é possível fazer isso tomando de empréstimo as teorias, sem sair de um ângulo que, a rigor, não é nenhuma dessas áreas. É sim, a Edição. (RIBEIRO, 2018, p. 12)

Nesse sentido, a História do Livro reúne elementos de várias disciplinas, o que a torna mais complexa, mas ela está definitivamente situada no domínio da Edição. É possível que uma dessas áreas prevaleça em relação às demais, dependendo da relevância do aspecto analisado e do período histórico. Ainda segundo Ribeiro (2018):

(...) tenho preferido considerar que a Edição seja mais uma subdivisão da área [Letras], e não um campo menor dentro da Literatura, por exemplo, uma vez que as materialidades do editado importam, muita vez, mais que a própria literatura, segundo o ângulo que se tome. Questões como o design do livro, sua venda, sua circulação, suas etapas de produção e outras até que não toquem exatamente o livro (mas o jornal, a revista, o vídeo, etc.) podem ser minimizadas quando dentro de um campo estabelecido, com seu modo de mirar o objeto que raramente quer jogar luz sobre a materialidade. (RIBEIRO, 2018, p. 11-12)

Para Darnton, (1990) um livro é um objeto material e cultural que desempenha um papel fundamental na disseminação de ideias e na formação do conhecimento humano. Ele considera o livro como parte de um sistema de comunicação mais amplo, que inclui autores, leitores, editores, distribuidores e bibliotecas. Darnton propõe um modelo de análise do mercado editorial denominado “O Circuito das Comunicações” (1982). Esse modelo prevê uma série de atores que interagem nos processos de produção, distribuição e disseminação dos livros.

Embora muitos dos pesquisadores mencionados neste artigo tenham contribuído sobremaneira para a construção da História do Livro e da Edição, é Darnton quem propõe o modelo de análise do mercado editorial – o Circuito das Comunicações – que discutiremos a seguir.

O Circuito das Comunicações de Darnton

Darnton propõe que a comunicação escrita ocorre em um circuito composto por seis etapas interconectadas: (1) o autor, (2) o editor, (3) os gráficos, (4) os distribuidores, (5) os livreiros e (6) os leitores (Figura 1). Essas etapas não são lineares, mas sim interativas e recíprocas, com cada ator desempenhando um papel crucial na circulação e na construção do significado dos textos.

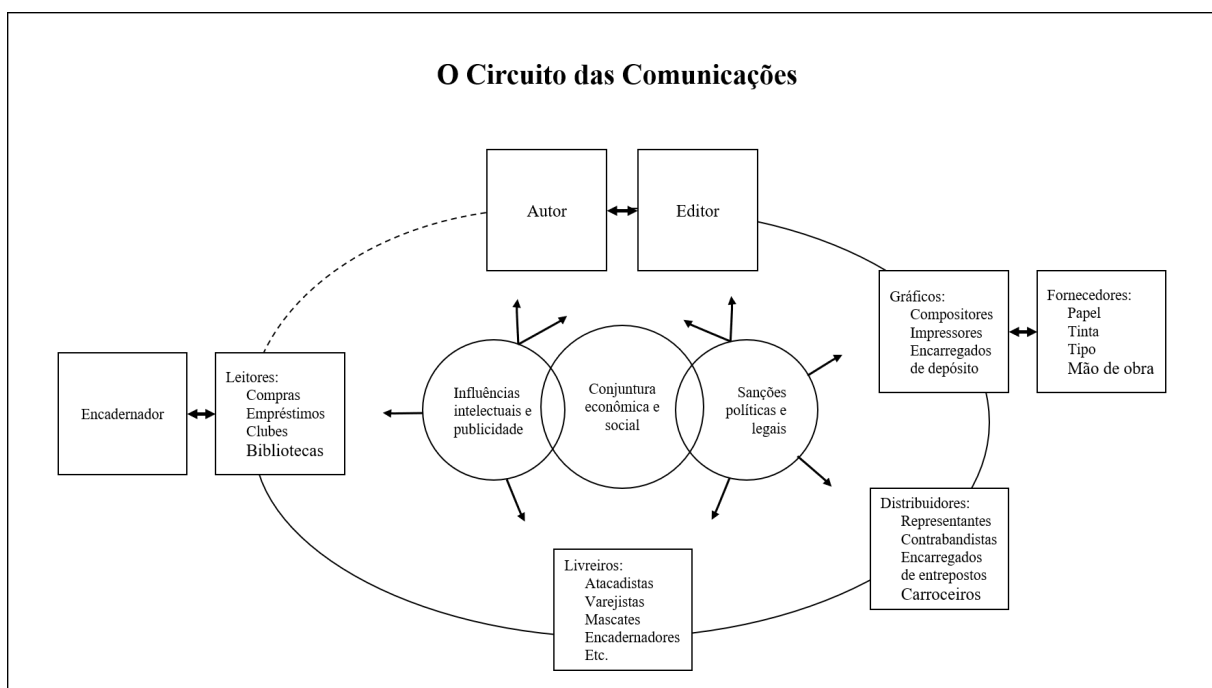


Figura 1 - O Circuito das Comunicações (DARNTON, 1990, p.113)

(1) O autor: Darnton enfatiza a importância do contexto social, cultural e político na produção de textos escritos. O autor não é apenas um criador individual, mas também um agente influenciado por suas circunstâncias e pelas convenções de seu tempo. A análise dessa etapa inclui o estudo das motivações, dos processos criativos e das restrições enfrentadas pelos autores.

(2) O editor: a figura do editor desempenha um papel essencial na seleção, organização e preparação dos textos para a publicação. O trabalho editorial envolve decisões críticas sobre a forma, o conteúdo e o público-alvo, além de aspectos como o design gráfico e a tipografia.

(3) Os gráficos: nesta etapa, o texto é materializado e transformado em um objeto físico. A análise do trabalho dos impressores inclui a investigação das técnicas de impressão, dos materiais utilizados e das questões relacionadas à qualidade e à tiragem das edições. Darnton até insere outro conjunto de atores em paralelo aos gráficos, os fornecedores de papel, tinta, tipos (tipos móveis de tipografia) e mão-de-obra.

(4) Os distribuidores: os distribuidores são responsáveis pela circulação dos livros no mercado, conectando os produtores aos consumidores. O estudo desta etapa aborda temas como as redes de distribuição, os sistemas de transporte e as estratégias de marketing.

(5) Os livreiros: livreiros desempenham um papel fundamental na comercialização dos livros, influenciando a acessibilidade e a disseminação das obras. A análise dessa etapa inclui o estudo das práticas comerciais, das políticas de preços e das preferências do público.

(6) Os leitores: Darnton destaca a importância dos leitores na construção do significado e na apropriação dos textos. A análise das práticas de leitura, da recepção das obras e da formação de comunidades letradas oferece insights valiosos sobre a relação entre os textos e seus contextos históricos. Em paralelo aos leitores, encontram-se os encadernadores, que eram muito usuais no passado para dar acabamento aos livros com encadernações de luxo, mesclando papéis marmorizados, couro e douração.

Além desses seis elementos do circuito, Darnton também incluiu em seu modelo outros três aspectos: (1) conjuntura econômica e social, (2) influências intelectuais e publicidade e (3) sanções políticas e legais. Enquanto as seis etapas do circuito diziam respeito diretamente à transmissão do texto, os três aspectos que acabamos de enumerar tratavam das influências externas que “(...) podem variar ao infinito. Por uma questão de simplicidade, reduzi-as a três categorias gerais no centro do modelo.” (Darnton, 1990, p.114)

Darnton (2010), revisitou o modelo do Circuito das Comunicações em 2007 depois da publicação do artigo original e propôs uma série de reflexões que, se por um lado reconhecem o caráter interdisciplinar da História do Livro, também reforçam a necessidade de fronteiras um pouco mais definidas para estudos sobre a História do Livro e/ou da Edição, sob o risco de nos atermos a perspectivas muito estreitas e fragmentadas.

Logo, o Circuito das Comunicações de Darnton (1982) permanece um valioso instrumento de pesquisa para limitar e, ao mesmo tempo, ter-se uma visão panorâmica da produção editorial, mesmo que os nomes dos ofícios e papéis contidos no circuito tenham sofrido atualizações, fusões, cisões e até acréscimos.

Com pequenas adaptações, ele [o Circuito das Comunicações] se aplicaria a todos os períodos da História do Livro impresso (os manuscritos e as ilustrações de livros terão de ser considerados em outra ocasião), mas eu gostaria de discuti-lo em relação ao período que conheço melhor, o século XVIII, (...) (Darnton, 1990, p.112)

Muito embora o circuito tenha sido concebido pelo pesquisador para examinar o período histórico ao qual ele mais se dedicou, o século XVIII, ele próprio afirma a pertinência em usá-lo para pesquisar outros períodos.

O Circuito das Comunicações Adaptado

Há mais de 40 anos, o Circuito das Comunicações de Darnton tem servido à pesquisa nas áreas de Edição e História do Livro, como um poderoso instrumento de análise. No entanto, a partir da popularização da internet em meados da década de 1990, vários eventos impactaram de forma contundente o mercado editorial, como o surgimento da Amazon (1994), a proliferação dos *e-books* e audiolivros, os *marketplaces*, entre outros. Essas transformações, especialmente a digital, impuseram mudanças significativas a todos os atores do Circuito das Comunicações, o que suscitou a necessidade de atualização do modelo original para que fossem contempladas tais mudanças, tecnológicas ou não.

Partindo do Circuito das Comunicações de Darnton (1982), propusemos então uma versão adaptada. Foram feitas atualizações, supressões e acréscimos ao modelo original, que julgamos pertinentes para a discussão e compreensão do mercado editorial na atualidade.

Como pode ser observado na Figura 2, mantivemos os seis atores propostos por Darnton, com algumas modificações: (1) autor, (2) edição, (3) produtores – anteriormente denominados “gráficos” –, (4) distribuidores, (5) livreiros e (6) leitores. O único que teve a nomenclatura modificada foi o terceiro elemento, que mudou de “gráficos” para

“produtores”, em virtude do surgimento de suportes alternativos ao livro impresso, como o *e-book* e o audiolivro.

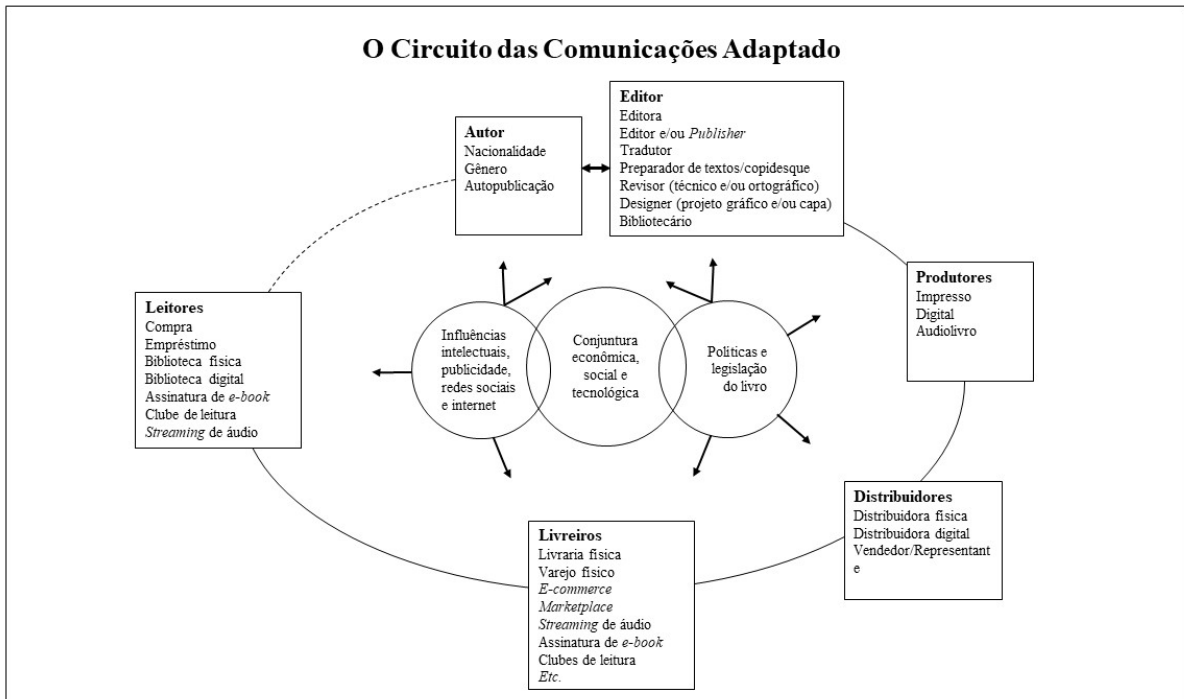


Figura 2 - Circuito das Comunicações Adaptado pelo autor

Partindo do primeiro elemento, o autor, elencamos três aspectos da autoria – (1) nacionalidade, (2) gênero – que nos servirão para compreender a prevalência de certas nacionalidades e do gênero (masculino ou feminino) na produção editorial – e (3) autopublicação. Há muitos outros aspectos sobre a autoria que poderíamos explorar, como a biografia de cada autor, influências entre outros; no entanto, selecionamos apenas esses três, pois são os que constam dos registros biblioteconômicos e/ou das fichas catalográficas presentes nos livros.

No que tange ao ator editor, modificamos a nomenclatura de Darnton para “edição”, e acrescentamos outras funções, além do editor, totalizando sete papéis – (1) editora (organização), (2) editor e/ou *publisher*, (3) tradutor, (4) preparador de textos ou copidesque, (5) revisor gramatical e/ou técnico, (6) designer (projeto gráfico e/ou capista) e (7) bibliotecário – por entendermos que no papel do editor de Darnton, caberiam, na

atualidade, todas as atividades de edição que antecedem a produção do livro, seja qual for o formato (impresso, *e-book* ou audiolivro).

O papel (1) editora refere-se à organização, pública ou privada, que publica os livros. No passado, nem sempre havia uma editora que assinasse a edição, ou ela se confundia com o tipógrafo (quem imprimia o livro) e até com o próprio livreiro – a livraria que vendia o livro era a própria editora –. Esse descolamento da edição do processo de impressão do livro aconteceu no decorrer de décadas e, muito embora ainda existam editoras que possuam parques gráficos, a grande maioria não têm sequer uma única impressora.

O segundo papel, dentro do ator edição, no Circuito das Comunicações Adaptado, é o de (2) editor e/ou *publisher*. Esse papel refere-se ao profissional da edição responsável pela coordenação de todo o processo de publicação do livro, desde a curadoria dos originais, sejam eles inéditos ou traduções, até a chegada do livro ao mercado.

Mais recentemente, algumas casas editoriais desmembraram esse papel, dividindo-o em editor e *publisher*, em que este último se encarrega mais da curadoria e captação de obras – uma espécie de comprador de obras ou gerente de aquisições como algumas editoras o denominam – e o outro coordena o restante do processo editorial, se envolvendo mais diretamente nas atividades de produção do livro.

Incluímos a figura do editor/*publisher* no modelo adaptado do circuito, por entendermos que ele talvez seja o elemento que tem mais peso na decisão sobre o que será publicado, a linha editorial, os formatos, a precificação, a distribuição, entre outros aspectos.

Em seguida, temos o (3) tradutor, peça fundamental para explicar tanto a predileção por certas línguas de origem, como é o caso do inglês nos livros no Brasil. Afinal, é muito mais abundante a oferta de tradutores do inglês para o português do que, por exemplo, do árabe para o português. Esse é, hipoteticamente, um fator decisivo na escolha do editor/*publisher* sobre que livros publicar, uma vez que ele terá mais dificuldade em encontrar profissionais capazes de traduzir a partir de línguas menos populares no Brasil, como o árabe, o japonês ou qualquer outra que não seja tão difundida no país como o são o inglês e o espanhol. Até o francês, que já fez parte do ensino formal no Brasil até duas ou mais gerações atrás, já não é tão estudado. Além do aspecto prático mencionado, a

prevalência de determinadas origens poderá revelar a influência maior de um ou outro país em determinados assuntos ou temas, como no caso do marketing, predominantemente de origem estadunidense.

O tradutor exerce papel fundamental no Circuito das Comunicações Adaptado, tanto pelo lado da disponibilidade de profissionais, como já mencionamos, quanto pela tradução do sentido do texto original. O tradutor ou tradutores de uma obra vão muito além da conversão dos vocábulos de um idioma para o outro. No caso, por exemplo, de livros de negócios, eles enfrentam o desafio de trasladar os sentidos que o autor do texto original intencionou transmitir ao leitor, da forma mais fiel possível – e aqui é possível como possibilidade mesmo, pois não há como verificar essa hipótese de maneira definitiva –.

Outro papel que sugerimos incluir no agrupamento da edição é o de (4) preparador de texto ou copidesque. Esse profissional é o responsável, no processo de edição, por tornar o texto mais fluído por meio de intervenções mais contundentes que, por exemplo, o revisor gramatical. O copidesque tratará de dar coesão ao texto, especialmente em casos em que há vários autores. Muitas vezes é o copidesque, no caso de livros traduzidos, quem fará a revisão da tradução, ou seja, ele verificará o trabalho do tradutor e fará adequações e até mesmo uma nova tradução de palavras, frases e até parágrafos inteiros, se necessário.

No entanto, o papel de preparador de textos ou copidesque nem sempre aparece nos registros bibliográficos dos acervos. Nos últimos anos é possível sim identificar esse papel nas páginas de créditos dos livros, mas esse não é um dado compulsório, nem no próprio livro, muito menos nos bancos de dados dos acervos.

O quinto papel presente na etapa de edição do Circuito das Comunicações Adaptado é o de (5) revisor. Aqui incluímos os dois tipos de revisor mais comuns: o revisor gramatical – às vezes conhecido como revisor ortográfico ou da língua – e o revisor técnico.

O revisor gramatical, ortográfico, da língua ou simplesmente revisor de texto; é o profissional incumbido da tarefa de revisar o texto preparado pelo copidesque e corrigir, substituir, acrescentar, excluir, reordenar e, por vezes, reescrever o que for necessário para que o texto esteja de acordo com a norma da língua. O trabalho do revisor, às vezes,

intersecciona com o do copidesque, portanto, dependendo da situação, o revisor também intervém no texto, ultrapassando a mera correção da língua.

Já o revisor técnico, é o profissional especializado em determinada área (saúde, negócios, direito, etc.) encarregado de verificar se os termos técnicos presentes no texto e a relação entre eles está correta, se as traduções dos termos técnicos refletem ou não seus equivalentes na língua de chegada, e de algumas palavras e expressões usadas no jargão da área em questão devem ser traduzidos, permanecer na língua de origem ou, ainda, se cabem os dois, um complementando o outro; tudo para que o leitor tenha o mínimo de dúvidas possível durante a leitura e que não se cometa nenhum equívoco de tradução.

A revisão técnica pode acontecer antes ou depois da revisão gramatical, mas o mais comum é que ocorra antes. Nem todos os livros são submetidos à uma revisão técnica, pois isso implica em custos adicionais na produção do livro, encarecendo o preço final do produto, muito embora contribua para uma qualidade superior do texto. Nos livros publicados no Brasil, o revisor técnico, assim como o gramatical, normalmente aparecem na página de créditos do livro.

Um ponto curioso a esse respeito é observar as seções de agradecimentos que os autores colocam em seus livros, em que agradecem a algumas pessoas pela “leitura e considerações” feitas durante o processo de escrita do manuscrito. Há, portanto, a possibilidade de que muitos revisores técnicos “informais” tenham exercido esse papel sem, contudo, receberem o devido crédito por esse trabalho, por ele ter sido feito na base da “camaradagem” a um amigo ou colega.

O sexto papel exercido no processo de edição é o do (6) designer. O designer tem um papel fundamental na materialidade do livro, contribuindo, com o uso de elementos gráficos e o projeto dos materiais a serem utilizados na impressão e encadernação, para uma melhor receptividade da leitura e para a atratividade do produto final. No passado, esse papel era dividido entre o impressor, que cuidava da composição dos tipos móveis – o que equivaleria ao projeto gráfico de hoje – e o encadernador, que cuidava da capa, da guarda, da costura e da douração do livro.

De certa forma, esses papéis ainda se mantêm na atualidade. Porém, o designer incumbido do projeto gráfico usualmente trabalha em uma editora ou atua como

profissional autônomo (*freelancer*). A composição do texto é feita não mais na “tipografia” – que seria o equivalente da gráfica hoje –, mas sim em computadores com softwares modernos como o Adobe InDesign, por exemplo. Já o encadernador do passado, seria o equivalente ao “capista” – termo corriqueiro na área editorial para designar o profissional que cria a arte da capa do livro –, ou seja, o designer responsável pela elaboração da capa. Essa função também é exercida nos dias de hoje dentro das editoras ou por profissionais e empresas especializadas nisso. Desde que a produção em escala do livro o popularizou, versões mais modestas e menos luxuosas, porém mais acessíveis, se tornaram prevalentes.

O papel do designer, seja no projeto gráfico do miolo do livro ou na elaboração da capa, também recebe atenção secundária se comparado ao do tradutor, por exemplo. A menção a esse profissional também costuma vir na página de créditos. Acreditamos que esse profissional seja essencial para a difusão do livro, pois os aspectos da materialidade do livro podem interferir diretamente tanto na atratividade da obra quando na recepção pelo leitor.

Especialmente no caso de livros técnicos e científicos, o designer tem um papel ainda mais fundamental, pois esses livros costumam apresentar gráficos, esquemas, figuras, quadros, tabelas, entre outros elementos; e o design desses recursos tem papel crucial na complementação do sentido do texto e, portanto, na compreensão do leitor.

Por fim, e não menos importante, propusemos no modelo do Circuito das Comunicações Adaptado, a inclusão do (7) bibliotecário na edição do livro. Isso porque é graças a esse profissional, hoje compulsório no registro da ficha catalográfica no Brasil, que teremos a classificação do assunto, do tema e de outros detalhes do livro, que nos permitirão, inclusive, fazer pesquisas com base em acervos de bibliotecas e arquivos. Sem os princípios da classificação sistemática e pautadas em padrões universais de catalogação, não teríamos acervos e bibliotecas, mas sim amontoados de livros.

A figura do bibliotecário é mais recente no registro dos livros. Somente de uns anos para cá é que se tornou obrigatório no Brasil a colocação do nome desse profissional na ficha catalográfica do livro, juntamente com o seu registro profissional.

A terceira etapa do circuito denominamos *produtores*, em substituição aos *gráficos* de Darnton. Isso porque hoje, o formato final de um livro não se restringe mais ao

impresso, podendo ser também digital (*e-book*) ou em áudio (audiolivro). Embora algumas editoras possam se encarregar de produzir internamente as versões em *e-book* e audiolivro dos títulos que publica, o mais comum é que elas deleguem esse papel a empresas especializadas ou profissionais terceirizados, assim como o fazem com a versão impressa. Por esse motivo, denominamos produtores em nosso modelo adaptado, os responsáveis pela materialização da obra editada nos formatos impresso, *e-book* ou audiolivro.

O registro desses papéis nos livros é ainda bastante inconsistente. A gráfica, responsável pela versão impressa do livro, costuma figurar no colofão do livro, juntamente com informações sobre o tipo de papel, fonte tipográfica e outros elementos. No entanto, nem sempre essa informação é presente. Em algumas edições, a gráfica também aparece na página de créditos, mas isso não é regra. Quanto aos produtores dos *e-books* e audiolivros, essa informação ainda não possui uma padronização, possivelmente devido à recência desses formatos.

No Brasil, o *e-book* se proliferou bastante nos últimos anos e de maneira descontrolada, ou seja, sem o registro formal do ISBN e por meio de plataformas de autopublicação. É possível que no futuro haja meios de se registrar todas as obras, independentemente dos formatos em que são disponibilizadas. Porém, hoje não há.

No que se refere aos distribuidores, fizemos uma atualização dos papéis propostos por Darnton. Em vez de representantes, contrabandistas, encarregados de entrepostos e carroceiros; temos na versão adaptada do circuito as (1) distribuidoras físicas, as (2) distribuidoras digitais e o (3) vendedor/representante.

As (1) distribuidoras físicas são empresas que adquirem livros das editoras, por meio de compra ou consignação, e os revendem a livreiros – que compõem a próxima etapa do circuito – para que estes, então, vendam os livros aos consumidores finais. A distribuição física tem um papel importante na distribuição de livros em um país como o Brasil. São essas empresas que promovem, de certa forma, a disponibilidade dos livros em cidades do interior e pontos de venda não convencionais, como supermercados, lojas de conveniência em postos de combustível, entre outros.

As (2) distribuidoras digitais, são um fenômeno bem mais recente. A tarefa delas é disponibilizar *e-books* e audiolivros nas diversas plataformas de comercialização desses

produtos, sem que a editora tenha que fazer isso por conta própria, plataforma por plataforma. Ou seja, quando uma editora publica um *e-book*, por exemplo, a distribuidora digital disponibiliza esse produto em sites como o da Amazon, lojas de aplicativos do Google e da Apple, e em outras dezenas de plataformas ao mesmo tempo, e em nível global.

Por último temos o (3) vendedor/representante, também encontrado no circuito original de Darnton, que é normalmente um profissional autônomo, que trabalha prestando esse serviço de representação de vendas para a editora. O representante atende os livreiros, fazendo a intermediação da venda entre eles e a editora, em troca de um comissionamento sobre o faturamento.

Quanto aos livreiros, quinto elemento do circuito de Darnton, houve grandes mudanças. O varejo em geral, e aí se inserem as livrarias, passaram por um profundo processo de transformação digital. Muitas sucumbiram nas últimas décadas e até redes tradicionais no Brasil, como Saraiva e Cultura, não foram capazes de acompanhar a emergência de grandes concorrentes mundiais como a Amazon. Além da proliferação de sites de *e-commerce*, os livreiros também passaram a comercializar livros em *marketplaces* e plataformas de assinatura, nas quais se paga uma espécie de mensalidade para ter acesso a um extenso catálogo de produtos. A própria Amazon oferece esse tipo de alternativa por meio do serviço *kindle unlimited*. Também proliferaram plataformas de *streaming* de audiolivros nas quais, por um valor mensal, as pessoas podem *escutar* livros diversos de um catálogo disponibilizado, como a *ubook.com*, por exemplo. Além das livrarias, novos tipos de varejo passaram a vender livros nos últimos anos, o que até então não era comum. Não é raro deparar-se com a oferta de livros em supermercados, farmácias, nas estações de metrô e até em lojas de conveniência de postos de combustível. Além de todos esses novos canais livreiros, também houve uma retomada dos chamados “Clubes de Leitura”, sejam presenciais ou digitais. Com o uso da internet e das redes sociais, esses clubes se disseminaram de tal forma que alguns chegam a ter mais de 70.000 assinantes⁴, como o da TAG.

⁴ <https://www.livrobingo.com.br/tag-livros-conheca-um-dos-maiores-clubes-de-assinaturas-de-livros-do-brasil#:~:text=Atualmente%2C%20a%20TAG%20conta%20com,de%202.300%20cidades%20Brasil%20afora.>

O último elemento do circuito de Darnton são os leitores. No modelo original, o acesso à leitura se dava por meio da compra, de empréstimos, de clubes e das bibliotecas. Na nossa proposta adaptada, mantivemos essas modalidades e acrescentamos as bibliotecas digitais – bastante comuns no meio acadêmico – os serviços de assinatura de *e-books* e *streamings* de audiolivros e a internet, de forma mais abrangente, onde é possível ter acesso a sites, legais ou não, para leitura ou *download* de *e-books* e audiolivros, como o *gutenberg.org* – uma imensa biblioteca de livros de domínio público – por exemplo.

Além das seis etapas do circuito das comunicações, Darnton também propôs, no centro do modelo, uma série de variáveis que atuam sobre elas. Ele considerou que há um conjunto de variáveis de natureza econômica e social que atuam sobre todos os elementos. Nessa parte do modelo, acrescentamos a variável tecnológica, por se tratar de um dos elementos que mais tem influenciado o mercado editorial, especialmente nas últimas duas décadas, quando o e-commerce e os *marketplaces* emergiram com força total.

Quanto ao que Darnton denominou “sanções políticas e legais”, substituímos no circuito adaptado por “políticas e legislação do livro”, por entendermos que hoje, este ponto, não se trata apenas de sanções, mas também de outras pautas como os programas de compra de livros pelos governos, legislação sobre a proteção do preço dos livros – em especial os lançamentos –, tratamento tributário dado à venda e à produção do livro, entre outros aspectos que tangenciam a questão legal no contexto do livro.

Por último, na parte do modelo de Darnton que trata das “influências intelectuais e publicidade”, incluímos na versão adaptada as redes sociais e a internet. É inegável o impacto que esses dois últimos têm sobre a circulação do livro. Milhares de perfis do Facebook, Instagram, Youtube, entre outros, propagam informações sobre livros na forma de *posts*, vídeos e resenhas. Redes sociais especializadas em livros como a *goodreads.com* ou a brasileira *skoob.com.br* reúnem milhões de leitores de todas as partes do mundo para trocar informações, avaliar livros, compartilhar listas de interesses e outros tipos de interação acerca do que estão lendo ou pretendem ler.

Verificamos, portanto, ao longo deste artigo, que Darnton prestou grande contribuição para a edificação da História do Livro enquanto área de estudo por meio do modelo do Circuito das Comunicações. A proposta de Darnton, abrangente e rigorosa,

fornece um construto teórico rico para a análise do mercado editorial, seja no seu todo ou em algum quesito específico. Também vimos que transformações profundas impactaram o mercado do livro nas décadas recentes, o que nos suscitou a retomar o modelo de Darnton e a propor uma versão adaptada capaz de preservar a sua estrutura original e, ao mesmo tempo, dar conta das mudanças ocorridas. Com esse artigo pretendemos contribuir para que o modelo de Darnton continue a servir de referencial para estudiosos e pesquisadores da História do Livro e da Edição e a consolidar essas áreas.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ª. ed.- ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. 1ª. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

DARNTON, Robert. “**What is the history of books?**” *Daedalus* 111, no. 3 (1982): 65–83. <http://www.jstor.org/stable/20024803>.

_____. **O beijo de Lamourette**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOWSAM, L. **Old books and new histories: an orientation to studies in book and print culture**.

RIBEIRO, A. E. **Livro: edição e tecnologia no século XXI**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2018.